



# XIV ANPED-CO

## XIV ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO CENTRO OESTE

3261 - Trabalho Completo - XIV ANPED-CO (2018)  
GT 08 - Formação de Professores

Invencionar (n)a formação na Educação Superior: escritura, vivências, Pedagogia  
Rubia Helena Naspolini Coelho Yatsugafu - UFMT/Campus de Cuiabá - Universidade Federal de Mato Grosso

### RESUMO

O presente texto trata de experiências e vivências de uma professora do Curso de Pedagogia e estudantes de um curso de extensão de produção de textos. Ao longo das dez oficinas ministradas, procurou-se contribuir para a formação (dos discentes e da professora) pela promoção de encontros que criassem tessituras dos “momentos presentes” da formação, articulados às histórias de cada um dos sujeitos, pelos eixos: 1) caminhos que os conduzem/conduziram à Pedagogia, 2) o que levam consigo da Pedagogia, e 3) o que deixam para a Pedagogia. Escolheu-se experimentar um novo gesto que se criou em uma articulação entre as vivências de uma professora-pesquisadora e sua classe e os estudos realizados em um grupo de pesquisa, exercitando a investigação otobiográfica, inaugurada por Monteiro pela leitura cruzada de Nietzsche e Derrida. O estudo dos textos elaborados pelos sujeitos sugerem/criam rastros, ecos, ressonâncias de vivências de formação; vivências que, embora muitas vezes ignoradas nas propostas pedagógicas de cursos, influenciam, decisivamente, os percursos de formação e os currículos vivenciados/criados/aprendidos.

Palavras-chaves: Investigação otobiográfica; Formação de Pedagogos; Educação Superior.

### **INVENCIONAR (N)A FORMAÇÃO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: ESCRITURA, VIVÊNCIAS, PEDAGOGIA**

XXX

### RESUMO

O presente texto trata de experiências e vivências de uma professora do Curso de Pedagogia e estudantes de um curso de extensão de produção de textos. Ao longo das dez oficinas ministradas, procurou-se contribuir para a formação (dos discentes e da professora) pela promoção de encontros que criassem tessituras dos “momentos presentes” da formação, articulados às histórias de cada um dos sujeitos, pelos eixos: 1) caminhos que os conduzem/conduziram à Pedagogia, 2) o que levam consigo da Pedagogia, e 3) o que deixam para a Pedagogia. Escolheu-se experimentar um novo gesto que se criou em uma articulação entre as vivências de uma professora-pesquisadora e sua classe e os estudos realizados em um grupo de pesquisa, exercitando a investigação otobiográfica, inaugurada por Monteiro pela leitura cruzada de Nietzsche e Derrida. O estudo dos textos elaborados pelos sujeitos sugerem/criam rastros, ecos, ressonâncias de vivências de formação; vivências que, embora muitas vezes ignoradas nas propostas pedagógicas de cursos, influenciam, decisivamente, os percursos de formação e os currículos vivenciados/criados/aprendidos.

Palavras-chaves: Investigação otobiográfica; Formação de Pedagogos; Educação Superior.

### **1 PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES**

Existem várias perspectivas possíveis na pesquisa em educação. A autora do presente trabalho tentou ensaiar um gesto investigativo que ultrapassasse as concepções positivistas de educação. Para tanto, elegeu a investigação otobiográfica como método, por defender que ela representa um dos caminhos metodológicos que podem possibilitar aos sujeitos da pesquisa perceberem/escutarem/recriarem as vivências que estão latentes nos textos por eles produzidos e estudados. Esta pesquisa tem, portanto, ressonâncias da Pedagogia com a Filosofia e a Literatura e, também, com as atividades desenvolvidas pela autora no Grupo de Estudos XXX; do Doutorado em Educação que realizou na Universidade Federal de XXX; do Doutorado em Literatura que frequentou na Universidade de XXX; do Mestrado em Educação, da Especialização em Organização do Trabalho Pedagógico Escolar, da Licenciatura em Pedagogia que cursou na Universidade Federal XXX e da sua experiência de educadora, especialmente na Universidade Federal de XXX, na qual diariamente, com seus alunos e alunas, depara-se com limitações e potências, receios e encantos.

A professora-pesquisadora, sujeito histórico que se forma em um fluxo de vivências e experiências, admite, como Ghedin e Franco (2015) que pesquisar “é sempre navegar com direção”, mas com cuidado, pois “[c]ontentar-se com a chegada é perder os significados que se vão engendrando nas paisagens multiformes do trajeto” (p. 8-9). Assim, acredita que navegar com direção não é seguir traçados, caminhos, passos ou esquemas engessados, mas utilizar um método de pesquisa que proporcione ao pesquisador e ao pesquisar apreender, depreender, deduzir, operar, (re)significar e criar com e a partir do real.

Além disso, no pesquisar objeto deste texto, mesmo que sentidos sejam sugeridos/inventados, o que se busca são as perguntas, ou seja, questões que possam orientar percursos construídos em/por meandros e subjetividades, a partir dos quais e nos quais os sujeitos — professora-pesquisadora e estudantes — constroem coletivamente, em seus processos de formação, práticas pedagógicas e, nelas/com elas, se constroem.

## 2 INVESTIGAÇÃO OTOBIOGRÁFICA

Em sua produção científica, Monteiro (2004, 2007, 2013, 2015) parte do conceito *derridiano* de otobiografia, assumindo que as vivências das pessoas estão inscritas em sua produção textual. Para escutar estas vivências propõe o método chamado *investigação otobiográfica*, a partir do qual indaga pelas vivências de formação presentes nos textos.

Inicialmente, a questão que movimentou o pesquisador foi a interrogação *deleuziana* “o que quer?”. Em decorrência, a indagação foi desdobrada para “o que querem as forças das vivências ao produzir um texto, um escrito, um conceito, uma idéia, uma teoria, uma interpretação etc.?”. Assim, caberia ao pesquisador questionar: “Qual é a vida, a vontade, as vivências que são postas em movimento? Quem fala? O que se quer, quando algo é dito?” (MONTEIRO, 2007, p. 478).

Os pesquisadores do Grupo de Pesquisa XXX, em seus ensaios investigativos, têm experimentado compor outras interrogações, como: *como é/seria ouvir?* e *como a vida é grafada?* Trabalhar com estas questões demandam que o pesquisador aceite adentrar nos labirintos da escritura e trilhar uma espécie de descaminho, transitando por um espaço-tempo sem ter em mãos um mapa pré-concebido, tentando perceber/criar/escutar alguma coisa tendo, para tanto, somente chaves conceituais e seus ouvidos.

O primeiro gesto otobiográfico de Monteiro ocorreu em seu doutoramento, quando realizou a escuta de vivências de nove formandas do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso, em seus trabalhos de conclusão de curso (“dossiês”). O pesquisador tomou a formação como constituição de si, a partir de sua leitura de *Ecce homo* de Nietzsche. As vivências das pedagogas em formação foram *otobiografadas* em movimento (vibrações) com aquilo que ele chamou de *ressonâncias* da Pedagogia, do Curso de Pedagogia da UFMT, da Filosofia e do pesquisador.

Monteiro recriou a metáfora que aparece em Nietzsche e é reinventada em Derrida: o ouvido que escuta as vivências. Uma escuta que se constitui, todavia, em labirintos; dois labirintos. Dois labirintos que se penetram: o labirinto do ouvido humano e o labirinto do mito do Minotauro. Audição: ouvido,

escuta, criação de sentidos. Assim, na *investigação otobiográfica*, escutar “é percorrer o labirinto das significações das forças presentes na produção humana, nos escritos, na autobiografia” (Idem, p. 481); investigar é, a partir das vivências, ensaiar gestos, propor interpretações; traduzir.

A autora do presente texto toma para si a investigação otobiográfica e transforma-a em gesto autoral em sua prática docente. Professora-pesquisadora, aceita o convite de provocar a produção textual e de percorrer textos orais e escritos de estudantes e, neles/com eles, ouvir ecos de vivências dos labirintos duplos, criando/traçando/propondo caminhos, com o uso de chaves (conceitos) feitas a partir da produção teórica de Nietzsche, Derrida e Monteiro. Neste percurso, assume que os ouvidos que escutam são de uma pesquisadora e que, em função disso, as ressonâncias criadas dizem, também, de suas vivências.

### **3 PRODUÇÃO DE TEXTOS E CONSTITUIÇÃO DE SI: INVENCIONAR (N)A FORMAÇÃO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR**

Em suas investigações, o grupo de pesquisa no qual a autora participa tem procurado questionar não o que é o currículo, mas “o que ele pode?”, “quem?”, “como?”. A partir destas questões, os estudos têm percorrido os labirintos da escritura dos educadores em formação inicial e continuada.

Nas Oficinas de Produção de Texto, projeto de extensão no qual a presente pesquisa se desenvolveu, a literatura, como arte, compareceu em sua potência: desorganizadora de pensamentos e gestos automáticos e desafiadora de criação de novos modos de ser e de pensar; expressão de modos de ser e de se tornar o que se é. Os encontros promovidos objetivaram criar tessituras dos “momentos presentes” da formação, articulados às histórias de cada um dos sujeitos, pelos eixos: 1) caminhos que os conduzem/conduziram à Pedagogia, 2) o que levam consigo da Pedagogia, e 3) o que deixam para a Pedagogia.

A turma, composta por estudantes dos terceiros e quartos anos do Curso de Pedagogia da Universidade XXX, teve encontros semanais nos quais os sujeitos “tornaram-se poesia”, escreveram cartas para serem abertas pelos seus “eu-crianças” no primeiro dia de aula de suas vidas, produziram “contos de escola”, fizeram textos em imagens, teceram histórias. O percurso do curso, também ele um percurso de formação, foi um processo de superação e recriação de si. Além disso, foi um confronto com a produção textual mecânica e também oportunidade de experimentação do exercício de criação de textos significativos e potentes. Finalmente, foi a realização de uma experiência textual escolar que pôs em xeque práticas escolares cristalizadas.

Os estudantes iniciaram o curso com expectativas como “aprimorar conhecimentos para escrever o dossiê” (trabalho de conclusão de curso), “romper com o texto ‘demasiado acadêmico’ da academia” e “aprender a olhar para o [s]eu texto”. A pesquisadora entretanto, ao perceber que os alunos traziam para suas falas uma relação mecânica com a produção de textos no ambiente escolar, no qual produziam textos como tarefas “para o outro” e sentiam “bloqueios para escrever”, optou por desenvolver um curso de extensão sem plano rígido: cada encontro foi planejado em função das experiências promovidas no encontro anterior, com objetivo de proporcionar que os sujeitos (estudantes e professora) construíssem experiências diferentes em cada oficina, revisitando suas vivências e experiências de formação — como estudantes antes de cursarem a Pedagogia, como graduandos deste curso e/ou como docentes.

Manipulou-se livros, leu-se mentalmente poemas e contos, leu-se oralmente textos para todo o grupo. As leituras foram, sempre, acompanhadas de emoção — risos e sorrisos, cochichos e comentários, bochechas coradas e ouvidos que se espichavam, vozes empostadas e vozes embargadas, mãos trêmulas e mãos firmes, olhos cheios d’água ou olhos desviantes.

Produziu-se escritura. Os estudantes foram, encontro a encontro, assumindo seu papel de autores de seus textos — e assumindo, com ele, que lhes cabia aceitar ou não o convite da pesquisadora e da turma para produzirem seus textos. Assim, as perguntas “como é pra fazer?”, “tá certo assim?” e “tá bom assim?”, recorrentes nas primeiras oficinas, foram se tornando menos frequentes, até que desapareceram. Em todos os encontros todos os sujeitos aceitaram o convite de produzir os textos, ainda que alguns alunos tenham, inicialmente, verbalizado que não sabiam escrever ou que não sabiam

escrever (em) “eu”. Aceitaram também ler em voz alta seus textos e os dos colegas.

As leituras orais dos textos proporcionaram ressonâncias dos rastros/traços da formação e da história de vida de cada um dos autores, leitores e ouvintes. Comentários, acenos de cabeça, sorrisos e lágrimas transbordavam as ressonâncias. Cada texto, criado no momento de sua escrita foi (re)criado no momento de sua leitura em voz alta. Isso porque um texto não está pronto ao ser registrado com palavras, pontuação, espaços etc. em um papel — ele se constitui no movimento de sua leitura, com/pelas reverberações que provoca entre sons e escutas, pelos jogos que cada sujeito estabelece com os sons e os silêncios, a partir do texto/contexto que ele mesmo é/tem.

Em cada texto, (re)criado em sua leitura, haviam ecos de vivências dos autores, dos leitores, dos autores/leitores e, com elas, ressonâncias de vivências de educandos-educadores em formação, afinal, para Nietzsche, “ninguém pode ouvir nas coisas, inclusive nos livros, mais do que já sabe”, pois “[p]ara aquilo a que não se tem acesso por vivência, não se tem ouvido” (1995, p. 53).

Nas perspectivas teóricas de Derrida e Monteiro, em desdobramento do pensamento de Friedrich Nietzsche, são as vivências que tornam os objetos do mundo acessíveis, traduzíveis. Desta forma, nos textos autorais produzidos na/pela oficina, em função dos disparos promovidos pelos textos literários, pode-se encontrar vontades de potência que falam de superações (NIETZSCHE, 2008, p. 7) e constituição de si e, mesmo, *escrituras*. Os textos produzidos são potentes e trazem rastros de superações de seus autores.

Desta forma, a literatura e os exercícios de produção de texto nas oficinas foram disparadores que potencializaram ressonâncias das vivências de formação com os conteúdos da prática educativa. Este processo de evocação e (re)criação possibilitou aos sujeitos uma ampliação de seus repertórios e capacidades de escuta.

Além disso, vale mencionar que se “[o] espaço da literatura não é somente o de uma *ficção* instituída, mas também o de uma *instituição fictícia*, a qual, em princípio, permite dizer tudo” (DERRIDA apud NASCIMENTO, 2014, p. 49), neste espaço também pode-se nada ou muito pouco dizer, afinal o que se pode dele ou a partir dele dizer depende dos ouvidos do/de um leitor. As possíveis leituras de um texto dependem, então, das regras de seu jogo — *phármakon* (DERRIDA, 2005), afinal, o gesto de leitura contém em si um gesto de escritura, pois sempre tem de quem escreve e de quem lê (XXX, 2015). Este jogo se dá na vida — na vida inaugurada em Nietzsche (2008). A escritura é vida e *phármakon*. Neste sentido, construir práticas pedagógicas nas quais os sujeitos desenvolvam e potencializem sua autoria textual, possibilita uma renovação/revitalização/(trans)criação de formação — uma formação em meio à vida. Possibilita que os textos digam — e digam muito!

#### 4 INTERREGNO

Neste texto foram apresentados os resultados parciais do desenvolvimento de uma pesquisa em um projeto de extensão. A pesquisadora, docente de uma instituição universitária, escolheu experimentar um novo gesto investigativo, delineado em articulações/ressonâncias das vivências dos sujeitos das oficinas. Para tanto, elegeu como método a investigação otobiográfica (MONTEIRO, 2004, 2007, 2013, 2015), que potencializa a escritura e permite que professores-pesquisadores investiguem os processos de formação que se desenvolvem nas práticas educativas, tomando os textos produzidos como *constituição de si e*, a partir deles, promovendo reverberações nas quais vibram os ecos de suas vivências. Na pesquisa desenvolvida, estas ressonâncias colocaram em questão gestos mecanicamente reproduzidos ao longo da formação dos educadores — estudantes e docente da Oficina de Produção de Textos.

A partir da analítica dos textos criados pelos sujeito nos/pelos encontros e manipulados (no sentido *derridiano*), ouviu-se, assim como nas demais atividades de pesquisa desenvolvidas no/pelo/com o Grupo XXX, rastros/traços de vivências que usualmente são ignoradas nas propostas curriculares das instituições (de ensino superior e de outros níveis de educação). Defende-se que estas ressonâncias devem ser ouvidas e precisam estar presentes de forma intencional nos currículos, haja vista que se fazem presentes na constituição do currículo vivenciado/criado/aprendido.

O presente texto configura-se, finalmente, como uma tentativa de compartilhar os gestos otobiográficos de uma professora-pesquisadora, com o intuito de provocar reverberações nas leituras realizadas pelos colegas que intentam provocar práticas pedagógicas que saiam da “mesmice” e se arriscam a assumir intencionalmente a potência da formação em meio à vida.

## REFERÊNCIAS

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. Tradução Rogério Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

\_\_\_\_\_. *Essa estranha instituição chamada literatura*. Uma entrevista com Jacques Derrida. Tradução de Marilêide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. Introdução. In: Selma Garrido Pimenta; Evandro Ghedin; Maria Amélia Santoro Franco. (Org.). *Pesquisa em educação*. Alternativas investigativas com objetos complexos. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2015, v. 1, p. 7-24.

MONTEIRO, Silas Borges. Otobiografia como escuta das vivências presentes nos escritos. *Educação e Pesquisa*, 33(3), 471-484, 2007.

\_\_\_\_\_. *Quando a pedagogia forma professores: uma investigação otobiográfica*. Cuiabá, MT: EdUFMT, 2013.

\_\_\_\_\_. *Quando a Pedagogia forma professores*. Uma investigação otobiográfica. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. Para além do discurso, a escuta das vivências: uma investigação otobiográfica. In: Selma Garrido Pimenta; Evandro Ghedin; Maria Amélia Santoro Franco. (Org.). *Pesquisa em educação*. Alternativas investigativas com objetos complexos. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2015, v. 1, p. 93-116.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres volume II* Tradução Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2008.

XXX, XXX. XXXX. XXX.